

The island of Timor, and likewise the islands to the east of the Strait of Malacca, has been referenced by Portuguese seafarers since the early sixteenth century. The pilot Francisco Rodrigues was the first Portuguese explorer to draw the map of the island; working between 1512 and 1513, he limited his meticulous sketch to the northern coast of the territory which he identified as follows: «this is the island of Timor where sandalwood is born» — precious information considering the importance of the international trade of this wood, highly valued in China and India. Hence, during the fifteen hundreds, this remote island was reputed only for its abundant sandalwood forests, a fame thus immortalised by Luís de Camões in Canto Ten of *Os Lusíadas* (1572): «And here is Timor, with its forests/ Of scented, invigorating sandalwood./ Look at Java, so vast [...]».

The interest in sandalwood trade led the Portuguese to embark on organised visits to the island of Timor from 1515 onwards. However, it was only in the second half of the sixteenth century that the first efforts were made to occupy this territory on a permanent basis, initiated above all by Dominican missionaries who began by establishing a settlement on the small island of Solor, where they built a fortress that served as the base for the activities developed at that time in Timor. The importance of this island for the Portuguese interests in the region is also clearly evident in the extremely beautiful map penned by Fernão Vaz Dourado, dated 1576.

During this period, the Portuguese presence in Timor was rather fragile, almost symbolic, curiously being more significant on the western part of the main island of Timor, with its stronghold at Kupang, a settlement taken by the Dutch in the seventeenth century. Control over the territory, a primordial condition required to assure access to the existing raw materials on the island, was fundamentally based on the establishment of friendly relations with the indigenous chiefdoms, in addition to the necessary Portuguese presence at ports of embarkation of the commercially valuable products.

The incipient occupation of the territory explains the inexistence of archaeological remains related to the initial phase of the Portuguese presence in Timor. The loss of Kupang to the Dutch forced the

«colonial seat» to move northeast to Lifau, in the enclave of Oecusse, where it remained until 1769, the year of its destruction and abandonment, and also the foundation of Dili, the new «capital».

There are very few descriptions of the people of Timor in the sixteenth century. Despite his previous cartographical records, the island does not feature in the drawings produced by Francisco Rodrigues detailing the landscapes of various islands to the east of Malacca although Timor would certainly not have been very different from the «portrait» that Rodrigues established of the neighbouring island of Alor. On the other hand, while the fifteenth century references to the lifestyles and housing conditions of the indigenous populations tend to be extremely simplistic and incomplete, the descriptions of the island and its peoples drawn by António Pigafetta in 1522 and the Jesuit priest Baltasar Dias in 1559, are exceptions in this regard. However, it is only due to the scientific output of anthropological studies and ethnographic missions conducted since the second half of the nineteenth century, that we are currently able to have a better idea of how the people of Timor lived and died at the time of the arrival of the Portuguese.

¹ From Canto Ten, stanza 134, *The Lusíades*, Luís Vaz de Camões, translated by Landeg White, Oxford University Press, 2008, p. 223.

Papel / paper - FSC 110 g/m²
Formato / size
Selo / stamp: 80 x 30,6 mm
Bloco / souvenir sheet: 125 x 95 mm
Picotagem / perforation
Cruz de Cristo / Cross of Christ 13x13
Impressão / printing - offset
Impressor / printer - INCM
Folhas / sheets -
Com 20 ex. / with 20 copies
Sobrescritos de 1.º dia / FDC
C5 - €0,75
C6 - €0,56
Pagela / brochure
€0,70

Oblições de 1.º dia em
First day obliterations in
Loja CTT Restauradores
Praça dos Restauradores, 58
1250-998 LISBOA
Loja CTT Município
Praça General Humberto Delgado
4000-999 PORTO
Loja CTT Zarco
Av. Zarco
9000-069 FUNCHAL
Loja CTT Antero de Quental
Av. Antero de Quental
9500-160 PONTA DELGADA

Encomendas a / Orders to
FILATELIA
Av. D. João II, nº13, 1º
1999-001 LISBOA
filatelia@ctt.pt
(coleccionadores / collectors)
www.ctt.pt
www.facebook.com/Filateliactt
O produto final pode apresentar
pequenas diferenças.
Slightly differences may occur in
the final product.
Design: Concept Advertising
Impressão / printing: Futuro, Lda.

Dados Técnicos / Technical Data

- Emissão / Issue**
2015 / 10 / 28
- Selo / stamp**
€0,80 – 115 000
€1,00 – 165 000
- Bloco / souvenir sheet**
Com um selo / with 1 stamp
€2,50 – 40 000
- Design** - A F Atelier
- Créditos/credits**
Selo/stamp
€0,80 - Pormenor de desenho da costa norte da ilha de Solor, em «Livro de Francisco Rodrigues – O Primeiro Atlas do Mundo Moderno» de José Manuel García. Edição Fac-Similada, do original da Bibliothèque de l'Assemblée Nationale, Paris. Editora da Universidade do Porto. Foto Serviço de Impressão da Faculdade de Letras da Universidade do Porto;
Sândalo. Foto Alamy/Fotobanco;
«Malesi di Timor» (pormenor) por Antonio Giovanni Sasso, gravura em água forte aguarelada. Col. Biblioteca Nacional de Portugal;
«Os Lusíadas» de Luís de Camões, canto X, estrofe 134, edição 1572. Col. Biblioteca Nacional de Portugal.
- €1,00 - «Casa de Lantau», col. Museu Nacional de Etnologia/ foto de Ruy Cinatti / Arquivo de Documentação Fotográfica/Direção Geral do Património Cultural;
«D. Aleixo, régulo de Ainaro», desenho de José Luís Brandão de Carvalho, Col. Biblioteca Nacional de Portugal;
«Pano de uso masculino», col. Museu Nacional de Etnologia/ foto José Pessoa/ Arquivo de Documentação Fotográfica/Direção Geral do Património Cultural.
- Bloco/souvenir sheet**
Selo/stamp
Miniatura de casa timorense, feita em tiras de palmeira. Col. Museu Nacional de Etnologia/Foto José Pessoa/ Arquivo de Documentação Fotográfica/Direção Geral do Património Cultural;
«Crocódilo voador», Viqueque, Timor-Leste. Col. Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.
- Fundo/background**
Carta das Flores, Timor, Banda, Molucas, Ambon, Seram e outras ilhas, em «Livro de Francisco Rodrigues – O Primeiro Atlas do Mundo Moderno» de José Manuel García. Edição Fac-Similada, do original da Bibliothèque de l'Assemblée Nationale, Paris. Editora da Universidade do Porto. Foto Serviço de Impressão da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Col. Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
Sândalo. Foto Alamy/Fotobanco;
«Guerreiro di Timor», gravura em madeira aguarelada, 1860. Col. Biblioteca Nacional de Portugal;
«Diadema composto» (Kaebauk), Timor Ocidental, Amanuban, Soe, séc. XX. Col. Particular;
«Os Lusíadas» de Luís de Camões, canto X, estrofe 134, edição 1572. Col. Biblioteca Nacional de Portugal.
- Pagela/brochure**
Capa/cover
Atlas de Fernão Vaz Dourado, pormenor com a representação de Timor. Col. Biblioteca Nacional de Portugal.

Interior/inside
Desenho da costa norte da ilha de Solor, em « Livro de Francisco Rodrigues – O Primeiro Atlas do Mundo Moderno» de José Manuel García. Edição Fac-Similada, do original da Bibliothèque de l'Assemblée Nationale, Paris. Editora da Universidade do Porto. Foto Serviço de Impressão da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Col. Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Agradecimentos/acknowledgments
Rui Sobral Centeno
Arquivo de Documentação Fotográfica/Direção Geral do Património Cultural
Biblioteca Central da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Biblioteca Nacional de Portugal
Serviço de Impressão da Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto





A ilha de Timor, tal como as ilhas a oriente do estreito de Malaca, já estaria referenciada pelos navegadores portugueses desde inícios do século XVI. Entre 1512 e 1513, o piloto Francisco Rodrigues foi o primeiro português a cartografar a ilha, limitando o seu cuidadoso debuxo à costa norte do território que identificou desta forma: «esta é a ilha de Timor onde nasce o sândalo» — informação preciosa se se atender à importância do tráfico comercial desta madeira, muito apreciada na China e na Índia. Assim, no século de Quinhentos, esta longínqua ilha era referenciada apenas pelas abundantes florestas de sândalo, fama assim imortalizada por Luís de Camões no canto décimo de *Os Lusíadas* (1572): «Ali também Timor, que o lenho manda/Sândalo salutífero, e cheiroso/Olha a Sunda tão larga [...]».

O interesse no comércio do sândalo fez com que os portugueses comessem a frequentar de forma organizada, a partir de 1515, a ilha de Timor. No entanto, só na segunda metade do século XVI é que se assinalam os primeiros esforços continuados de fixação no território, encetados sobretudo por missionários dominicanos que começam por se estabelecer na pequena ilha de Solor, onde erguem uma fortaleza que serviu de base às atividades então empreendidas em Timor. A importância desta ilha para os interesses portugueses na região também se encontra testemunhada na belíssima carta de Fernão Vaz Dourado, datada de 1576. Durante este período, a presença portuguesa em Timor foi muito débil, quase simbólica, sendo curiosamente mais significativa na parte



ocidental da ilha, onde se destacaria Cupão, centro tomado pelos holandeses no século XVII. O controlo do território, condição primordial para garantir o acesso às matérias-primas existentes na ilha, residiria fundamentalmente no estabelecimento de relações amistosas com as chefaturas indígenas, para além da necessária presença portuguesa em pontos que assegurassem um escoamento dos produtos com interesse comercial.

A incipiente ocupação do território explica a inexistência de vestígios materiais relacionados com a fase inicial da presença portuguesa em Timor. A perda de Cupão para os holandeses, obrigou a uma deslocação da «administração» portuguesa para Lifau, no enclave de Ocussi, onde permaneceu até 1769, ano da sua

destruição e abandono e também da fundação de Dili, a nova «capital».

São raros os testemunhos sobre os povos timorenses no século XVI. Apesar de cartografada a ilha não aparece registada nos desenhos que Francisco Rodrigues elaborou com paisagens de diversas ilhas a oriente de Malaca mas, seguramente, Timor não seria muito diferente do «retrato» que Rodrigues fixou da vizinha ilha de Alor. Por outro lado, as referências quinhentistas ao modo de viver e habitar das populações indígenas são muito simples e parcelares, merecendo todavia referência as descrições da ilha e das suas gentes elaboradas por António Pigafetta, em 1522, e pelo padre jesuíta Baltasar Dias, em 1559. Contudo, só os resultados científicos de



estudos antropológicos e de missões etnográficas realizados desde a segunda metade do século XIX, permitem hoje imaginar melhor como viviam e morriam os povos de Timor à chegada dos portugueses.

Rui Centeno

